

DESTERRO.

ANNO I.

N. 13.

O CACI



QUE.

SABBAO.

29 DE OUTUBRO

1870.

Assinatura

Por seis mezes 35000.
Pagamento adiantado.

Preço

De folha avulsa
160 réis.

JORNAL NOTICIOSO E RECREATIVO.

Empresario:-- João Ribeiro Marques.

Este jornal publica-se uma vez por semana em dias indeterminados, na typographia commercial na casa n. 49 da rua do Livramento, esquina da da Carioca. Da-se publicidade gratis aos artigos que digam respeito ao bem publico; negando-se porém as columnas áquelles que forem inherentes a politica interna do paiz, e aos que ferirem individualidades.

O CACIQUE.

Desterro, 29 de Outubro de 1870.

Duas vezes já temos nós, á pedido de um nosso assignante, chamado a attenção da autoridade competente para o leite falsificado que se vende entre nós. Pois bem, desse appello que fizemos nenhum caso se fez, nenhuma importância se lhe prestou mesmo, e o abuso continua contra a determinada postura da Camara que prohibe a venda de generos falsificados. Ora, queixarmo-nos da municipalidade seria de nossa parte não só crassa ignorancia como rematada loucura. Nem a ella nos dirigimos, sem nos podiamos dirigir sem um grande absurdo, pois que assim tornar-se-hia excusado legislar-se no sentido de se melhorar a commodidade publica, —bem como desnecessario o logar de fiscal na dita corporação.

Parece claro e concludente. Estar a Camara a receber diariamente pedidos de melhoramentos e denuncias quando ella tem um empregado creado expressamente para esse fim, isto é, attender ás diversas necessidades e punir os infractores da lei, especificados na letra clara e concisa do seu codigo, seria o mesmo que fazer de cada vereador um fiscal, seria isso

um nunca acabar. Ainda mais: seria desprestigiar o fiscal, mostrando a inutilidade do logar, porque: de que serviria haver um empregado que des-cuidoso de suas obrigações fazia por isso com que se estivesse importunando diariamente a camara, com cousas de sua especial attribuição?

Assim pois dirigimo-nos no pedido que fizemos, a autoridade competente, certos de que procediamos em regra.

Talvez sómente não nos tivéssemos explicado bem, e por isso declaramos hoje alto e bom som que nos dirigimos ao Sr. fiscal da camara municipal, ao qual pedimos um prompto remedio contra o abuso da venda de leite falsificado, e o fazemos a bem do publico, como por ser o nosso pedido o mais razoavel possivel, e tanto que é previsto por um dos arts. do codigo de posturas.

Quando pela primeira vez nós demos publicidade ao pedido do nosso assignante, não só o fizemos com prazer, como muito o estimámos, porque tivemos assim occasião de prestar um favor ao executor da lei, a quem julgáramos ter de obrigação coadjuvar todas as vezes que o podessemos, assim como suppunhamos ser um dever de S.S. examinar aquillo para que cha-

massemos a sua attenção e proceder depois conforme intendesse. Pensavamos pois prestar a S. S. um favor, mas hoje reconhecemos o contrario, porquanto S. S. desprezou inteiramente o nosso pedido, fosse porque de ha muito bebemos leite com barro, fosse talvez pela pequenez do nosso jornal: o certo é que não mereceu attenção alguma. Mas quer de um quer de outro modo S. S. enganou-se e foi até infeliz. Infeliz porque, executor da lei, S. S. que pune o infractor della, foi desta feita o primeiro a infringil-a, permitindo que se venda o leite falsificado contra as expressas disposições do codigo respectivo. Nós fizemos uma denuncia formal, e embalda esperámos até hoje um passo dado em tal sentido; S. S. tomou talvez o favor que lhe prestámos auxiliando-o no seu serviço por uma importunação.

Tal não pensámos.

O que sim tivemos em vista foi querer o direito, dar ao pobre o bom leite que S. S. gasta, e isto dizemos com o pensamento de que os leiteiros que fornecem a S. S. desse genero terão o cuidado de vender-lhe do —bom—.

Não é tão natural?

Porque motivo manda S. S. retirar do mercado a carne verde deteriorada? o peixe já corrupto? Se o leite-barro

FOLHETIM.

O JOVEN HENRIQUE.

CAPITULO I.

Cuidar das crianças é uma occupação digna dos anjos.

No principio do ultimo seculo, havia, não longe da grande floresta de B***, um antigo e soberbo castello; habitado pelo conde Frederico Rocheno e a condessa Adelaide, sua esposa. Ambos tinham um filho unico chamado Henrique, criança muito graciosa e bella como um anjo do senhor; era tal o amor que seus pais lhe tinham, que nunca se poderá bem exprimir quanto elles o amavam.

Mas, antes que este menino soubesse pronunciar o doce nome de pai, a guerra rebentou,

e o nobre conde viu-se na necessidade de deixar a sua familia e partir para o exercito. A boa condessa ficou só com seus criados no castello: o pequeno Henrique tornou-se então o objecto unico de sua ternura e consolo n'aquella solidão em que a deixara a ausencia de seu esposo. Resolheu dedicar-se inteiramente á educação deste querido menino, e seus votos javocavam de continuo o feliz momento em que correndo ao encontro do esposo, lhe apresentaria o seu lindo filho, já bem crescidinho.

Uma tarde, estando a condessa com o menino no collo, em seu quarto; a criada Margarida o divertia, com apresentar-lhe, brincando, algumas flores de fresco colhidas. O menino estendia as pequenas mãosinhas para agarrar as flores, e sorria. A mãe sorria também, e partilhava da ingenua alegria do seu querido Henrique. De improvizo um dos criados que tinham acompanhado o conde ao exercito, entrou no quarto, trazendo a triste noticia de que seu amo, perigosamente ferido, desejava ver sua esposa, antes que seu ultimo momento chegasse, pois parecia não estar longe.

A estas palavras, a pobre condessa tornou-se pallida como a morte, e ficou de tal modo assus-

tada, que apenas pôde sustentar o menino nos braços. O enviado procurou recomilar dando-lhe esperança de que o conde poderia ainda se restabelecer; porém não pôde occultar-lhe que o perigo estava imminente, e que ella seria obrigada a partir para o campo e a viajar noite e dia, se quizesse ter certeza de encontrá-lo ainda vivo. A condessa não perdeu um minuto, abraçou seu filho derramando lagrimas amargas.

Meu bom Henrique, exclamou ella de bulhada em lagrimas, ai de mim! não podes comprehender ainda o desespero de tua mãe! Pobre filho! perderás teu pai antes de o teres conhecido. Ah! meu coração contrange-se com a ideia de me separar de ti; mas não me é possível levar-te n'esta longa e penosa viagem, no meio dos horrores da guerra.

—O Margarida, continuou dirigindo-se á sua criada, confiante o que meu coração mais estima na terra; toma muito cuidado d'este menino; não o deixes um só momento, mesmo enquanto dormir. Pratica com elle, como se eu estivesse presente; prodigalisa-lhe os mesmos cuidados e a mesma attenção. Todas as manhãs, quando o tempo estiver bom e o céu limpido, o levarás ao jardim para ahí respirar o ar fresco

que bebemos não nos faz mal, parece que no mesmo caso estão estes outros dous generos.

No entanto a questão não é de pequena importancia e por isso pedimos a S. S. a sua reflexão. A maior parte da população desta cidade (e pudéramos até dizer — quasi toda) tem no leite uma parte do seu alimento. Ora se este for adulterado resulta d'ahi que é uma população inteira que se invenena paulatina, mas seguramente.

E as pobres criancinhas que se alimentão unicamente delle? Pois este barro que ellas recebem continuamente no seu sustento não será um agente capaz de, junto a outros ou por si só, tornal-as molles e doentias, quando poderiam gozar de uma saúde perfeita? S. S. mesmo não repara na grande differença que distingue a cidade do Desterrô do hoje da cidade do Desterrô do tempo em que S. S. era criança; ditosa tempo em que se passava um mez sem morrer uma pessoa sequer? Não vê a mortandade que (dado o desconto de augmento da população) ainda mesmo proporcional nos devia atemorizar?

Equal é a causa? Muitas são ellas. Fique porém certo de que no leite está uma fonte dos nossos males; e como S. S. pode em parte contribuir para a sua diminuição, por isso é que, a bem da população desta cidade, a bem da humanidade, lhe pedimos que reflecta sobre tudo quante deixámos dito.

Voltaremos depois.

COLLABORAÇÃO.

ROMANCE.

POR CAUSA DE UNS BIGODES.

(BOSQUEJO.)

Permitti, amáveis e benevolas leitoras do cacique, que preoccupe a vossa preciosa attenção, de que talvez necessiteis para outras cousas de mais subida importancia, com a leitura deste imperfeitissimo bosquejo que vos

dedico e a vossa consideração submetto, como mehos rigorosas que deveis ser no juizo critico que sobre elle emitirdes.

Apenas tracei o contorno, aperfeiçoai-lhe agora os traços e applicai-lhe as sombras que forem precisas.

1.

CLOTILDE.

Na rua da*** desta cidade, em uma casa de modesta apparencia, morava uma familia respeitavel por suas virtudes e pelas boas amizades que entre-tinha.

Companha-se essa familia de quatro membros: pai, mãe e duas filhas.

Clotilde e Julieta erão os nomes das duas irmãs, a quem o amor paterno proporcionava todas as distrações e passatempos, que se pôde encontrar nesta cidade, tempos á esta parte tão desprovida delles.

Seu pai chamava-se Torquato.

Clotilde teria na epocha, em que se passa o que propomos narrar, os seus deseseis annos e Julieta quinze.

As boas qualidades desta familia, a formosura que irradiava o rosto selinoso das duas donzellas e as maneiras delicadas com que estas tratavão a todos a quem era dada a honra de frequentar a sua casa, fizgrão com que a familia de Torquato fosse preceituada pela cidade pela gentileza de suas filhas e pelo seu trato urbano.

A vista pois do que acabamos de dizer das duas moças, é excusado fazer vér ás leitoras que ambas tinhão os seus adoradores.

Clotilde os tinha em grande quantidade, e Julieta só tinha um, em quem depositava toda a sua affeição, toda a sua ternura.

Entretanto Clotilde, com a sua legião de galanteadores, não amava a nenhum.

Seu coração era como a rocha, onde a bala de maior calibre não penetra mas resyala: todas as tentativas de amor, de affeição se mallogravão contra o seu empedernido coração:

Seus galanteios não tinhão por fim senão encontrar nelles a distracção e o desenfado, quando o tedio accommettia-a.

Emfim era uma — loureira.

Muitas vezes sua irmã exprobanda-a, pelo seu procedimento tão reprehensivel, e que de algum modo poderia attenuar a reputação que gozavão, dizia-lhe:

— Porque namoras a tantos, Clotilde? Desta maneira não podes ter amor a nenhum delles?

— Sete não são muitos.

— E achas airoso em uma moça ter sete namorados?

— Tambem não acho desairoso.

— Não basta um?

— Um é nada. Sete é o numero dado dos namorados.

— Não te entendo.

— Eu me explico. A semana tem sete dias; logo é um namorado para cada dia. Aborrece-me ver todos os dias a mesma cara. Gosto da variedade.

— E se por acaso apontarem a um tempo dous delles nas duas extremidades da rua?

— Volto-me para um e finjo-me arufada com o outro.

A vista deste raciocinio e modo de pensar já pôde a leitora avaliar a quantidade de juizo que poderia haver em tão leviana cabecinha.

II.

ENÉAS.

Entre os requestadores de Clotilde havia um mancebo que amava-a perdidamente, ao passo que era o namorado de quem menos caso ella fazia.

Esse mancebo era Enéas.

Filho de boas familias, era Enéas um moço sisudo, de alguma illustração e que gozava de grande estima na sociedade. A esses predcados reunia uma alma dotada dos melhores sentimentos e um coração sujeito á essa terrivel enfermidade, que os physiologistas chamão amor.

Sua estatura era regular, o rosto

com o perfume das flores. Da quando em quando cantalho uma cançoneta alegre, fallalhe, mostralhe flores ou outros objectos agraday is: nunca d'ites em suas maninhas nada que e possa pizar, confio de que tu não lhe firás o menor mol, e aspero que aquelles pequenos defeitos de sua tenra idade sejão por ti relevados. Cuidar das crianças é uma occupação digna dos anjos — se pos. Margarida: o anjo tutelar do meu querido filho. Encarreguei á Martha do cuidado de toda casa, assim como de espreitar se cumpres pontualmente todas as instrucções que acabo de dar-te e de refirir-ma depois o occorrido. Prometes-tu não fallar jámais do que te recomendei, para que, ao menos á esse respeito, possa ir tranquillã.

Em minhã volta, se mo restituires o menino alegre e gordinho, podes estar certa de que teus cuidados não ficarão sem a devida recompensa.

Margarida tudo prometteu. Acondessa abraçou seu filho, abençoou-o: depois, entregando-o á sua criada, desceu para o pátio, onde, seus criados rodeando-a, derramãro abundantes lagrimas. Emfim subio ao coche e partiu ao anoitecer, apozar da chuva que cahia a canlãros.

CAPITULO II.

O MENINO ROUBADO.

Margarida, jovem rustica, pobre e orphã, tinha uma alma amavel e piedosa, o caracter meigo e alegre, e o viço do seu rosto indicava a saúde e innocencia.

O complexo de taes qualidades fez com que a condessa com ella sympathisasse, e por isso a escolhesse para aia do seu filho. A moça estava resolvida a cumprir exactamente as ordens de sua ama, porque a condessa era para ella uma bemfeitora. O reconhecimento exultava seu zelo, e ella comprazia-se em prodigalisar os mais ternos cuidados á este menino, que já acatava como seu futuro-amor.

Um dia, Margarida fazia — meias, perto do fundo do berço onde dormia Henrique, e sobre o qual tinha semeado rosas e outras flores, affim de que o menino despertando suas primeiras vistas fosse sobre objectos agradaveis. Branca e ligeira garça o defendia do picar das moscas, e a través d'este transparente tecido suas faces roliças e rubicundas pareciao ainda mais frescas do as rozas, com que uma mão sollicita o tinha rodeado.

De repente uma turba de musicos ambulantes paron ante a porta do castello. Os criados acudirão a ver, e aproveitando a ausencia do seus amos, conduzirão estes estrangeiros á uma sala do pavimento terreo, onde de subito lhes veio a ideia, de gosarem, n'esta mesma tarde, o duplo-prazer da musica e da dança. Margarida amava apaixonadamente a musica; mas, fiel ás ordens da condessa, conservava-se tranquillamente assentada ao lado do menino, que ainda dormia, quando Jorge, o rapaz jardineiro, entrou bruscamente e lhe disse:

— Vem, Margarida, desce um instante; se tu soubesses como nós nos divertimos lá em baixo: nunca em minha vida tenho ouvido tão boa musica. Um tem um tambór, vasconço ornado com pequenas campainhas, sobre o qual dá pnhadas, como se o quizesse pôr em mil pedaços; outro rapazinho faz rezoar um triângulo de aço, que em minhã opinião, não val mal, emquanto um gordo e robusto galhofeiro assopra em uma corneta de caça, e tira d'ella sons tão fortes, que se mesmo tempo me retinuem os ouvidos... Desce pois depressa.

(Continúa.)

comprido, a tez morena e os olhos pretos.

O seu olhar meigo e sympathico traduzia as disposições do seu coração.

No seu rosto havia um defeito, se tal nome merece, o qual consistia em não ser o labio superior sombreado por esses breves cabellos chamados bigodes.

Enéas também cultivava a poesia, de que se servia, ora em linguagem allegorica, ora expressiva, para transmitir ao objecto dos seus cuidados todas as sensações de sua alma, todos os sentimentos do seu coração.

Porém Clotilde era assaz insensível para comprehender os arpejos de sua lyra.

Entretanto quem visse a com o riso nos labios, quem sentisse a doçura de sua voz argentina, quando em suas entrevistas com Enéas ouvia palavras repassadas de amor, dardejando-lhe olhares mais agudos e penetrantes que a mais aguçada setta, diria que Clotilde era um dos aulicos do Senhor enviado ao mundo para implantar no coração do desditoso joven o germen da felicidade.

Nós porém como narrador podemos dizer que Clotilde era um embaixador do diabolico conciliabulo encarregado de voltar na sua offensiva alma a cicuta da desesperação.

E Enéas amava a; o seu amor era puro e desinteressado e para vincular o seu coração com o daquelle de quem se suppunha amado, eil-o a caminho para a casa de Torquato.

O seu coração se confrange pela incerteza do exito de sua empreza.

Bate.

E' o pai de Clotilde que apparece.

— Que deseja o Sr. ?

— Fallar com V. S.

Queira entrar.

Enéas sente vacillarem suas pernas no transpôr o umbral da porta. Uma frieza mortal se apodera de seu ser; suas faces se fazem pallidas e seus labios, como que cosidos não lhe permitem pronunciar uma palavra.

Entretanto inquieto Torquato pelo seu silencio, dirige-lhe a palavra.

— Sem duvida negocio extraordinario traz hoje o Sr. á minha casa, por isso que é a primeira vez que nos fallamos ?

Enéas sentio um estremecimento geral pelo corpo. Contudo, fazendo um esforço supremo, tornou-lhe :

— E' verdade, negocio extraordinario para mim e para V. S., porém d'esses que diariamente se estão effectuando nesta cidade.

— Que negocio será esse ?

— Sr. Torquato, disse Enéas endireitando-se na cadeira, de que lhe parecia resvalar, um d'esses sentimentos que calão no coração humano, e que só quem o experimenta pôde avaliar, faz com que hoje eu tenha entrada pela primeira vez neste recinto. V.

S. tem uma filha bella e amavel, para mim um anjo enviado por Deus para derramar a felicidade no meu coração, e por quem nutro um vehemente amor. Amo-a e ella a mim. A minha felicidade pois depende de um monosyllabo que V. S. pronunciar : venho pedir á V. S. a mão de sua filha.

— Tenho duas...

— Da Exma. Sra. D. Clotilde.

— São negocios esses que não se decidem sem a presença e consulta do objecto pedido.

Chamada Clotilde e consultada sobre a pretensão de Enéas, declarou que assentia ao seu pedido.

Concluido o negocio e designado o dia das núpcias, isto é para d'alli a dous mazes, Enéas retirou-se com o coração transbordando de alegria, só em pensar que aquella que possuía o seu coração, breve possuiria o seu nome.

(Continuar)

TRANSCRIPÇÃO.

Uma pagina da Historia Paraguaya.

I.

Não venho discutir com pessoa alguma a questão paraguaya. Vedam a minha posição entrar em polemicas, alheias também a indole deste periodico. Vou escrever algumas paginas historicas e nada mais. Seria facillimo, pois me parece não ser mister fazer larga exposição dos abominaveis factos dos tyrannos paraguayos, para os apresentar taes quaes foram.

Quem se detiver em estudar esses perfis, concordará comigo que taes monstros, a cujos corpos parece haver transmigrado o mal de todos os barbaros do paganism, não poderiam engendrar outra coisa que não fosse uma sociedade monstruosa no Paraguay.

Minha intenção é fazer comprehensivel ao leitor a causa da obediencia servil, da crueldade e da sujeição que o povo paraguayo ostentou na guerra que acaba de terminar.

Creio dever advertir que repillo a pretensão dos que querem que a campã deira cobrir com suas sombras as imagens fallidas dos barbaros que morrem.

Repillo semelhante pretensão, porque com ella seria ephemera a missão do historiador, que tem de despregar as suas asas sobre a necropole dos seculos, o descuro dos sepulchros, cujo silencio acalma o rumor das paixões, a estudar a physiognomia moral que os homens ostentaram durante a sua vida, e a impôr-lhes o selo da infamia ou a discernir-lhes o louro da virtude.

Quando a historia conta o mal que um homem fez não satisfaz como o abulto a lome de carne humana ; é um juz que, estudando um processo, qualifica com o nome proprio a acção commettida.

Quando pelo contrario offerece á corã civilisada ao bom cidadão, não queima o incenso da lizuzja ; dá ao heróe o que lhe pertence.

Desde os tempos do antigo e novo testamento, a historia pratica esta missão.

Os livros santos, inspirados pela eterna verdade e a eterna justiça chamaram fraticida a Cain, tyranno a Pharaó, ladrão a Barrabás, traidor a Judas, e covarde a Pilatos.

Não ha pois de que scandalisar ninguém, se ao proferir os nomes de Francia e Lopez, repillo o echo com que elles resôam na atmosphera da justiça.

Ai ! mais eloquente que a minha voz é o pranto das gerações, a dor dos martyres e do escravo, o espectro do ancão, a sombra ensanguentada do sacerdote, a ignorancia de um povo abatido pela oppressão das algemas que arrastou desde o berço até á campã.

II.

Gaspar Rodriguez Francia, primeiro tyranno do Paraguay, foi homem em cuja cabeça ferviam as paixões mal dirigidas, que é o peor dos motores da autoridade humana.

Educado na universidade de Cordova, dedicou-se ao estudo das sciencias sagradas, que abandonou depois para estudar a jurisprudencia.

Dotado de um caracter despótico, cedo revelou as suas tendencias quando em 1811 occupou o lugar de conselheiro do governo do Sr. Velasco. A superioridade que tinha sobre seus collegas o ajudou a abrir o caminho da sua popularidade, desenvolvendo uma clemencia que lhe attrahia as sympathias geraes.

Aproveitando-se das circumstancias, encontrou meio de annullar o seu companheiro Yegros e induzir os deputados de 1814 a fundar a dictadura que fez recahir em sua pessoa.

Tres annos depois Francia era dictador perpetuo do Paraguay.

Não começou a sua tyrannia com actos sangui-nolentos : preparou paulatinamente o rosnado do terror. Sabia que o Paraguay era localista e que a independencia a respeito da Hespanha e do Rio da Prata encontraria echo em seus governados. Com esta idéa baseou a sua politica de isolamento, imagem de seu caracter retrahido e atrabillario.

Após consolidado em seu poder, realiso os seus instinctos abatendo toda a cabeça que se levantava sobre a multidão, e confiando ao verdugo a missão de fazer desaparecer todo o estrangeiro que pulesse promover as relações do Paraguay com o Rio da Prata. Convinde a seus designios (1) evitar todo contacto que infundisse um alento liberal á sua nação, fechou os portos do Paraguay a todas as bandeiras, levando a tal ponto as restricções commerciaes que o uso da moeda foi extinto quasi totalmente ; supprimiu os correios e estabeleceu a violação da correspondencia epistolar.

Só permitia de vez em quando que algum navio subisse á Assumpção. (2) O estrangeiro que penetrava n'aquella nova China, ficava encarcerado para sempre, como succedeu ao sabio naturalista Bompland. Prohibiu a sahida de pessoas e haveres, e ordenou que se espingardasse todo aquelle que procurasse deixar o paiz. Promulgou uma lei prohibindo o matrimonio entre brancos e negros, indios e mulatos, declarando taes a muitas pessoas distinctas a quem odiava para que se não pudessem casar. O fim a que se propunha era exterminar certas familias. Do odio que professava ao multidão resultou a corrupção do povo paraguayo.

Estabeleceu espingardamentos sem processo, que elle contemplava da janella da sua casa, que ha poucos mezes visitou.

O vento do morto irritava os nervos do tyranno naquella natureza que mais convida á laxidão que a excitação. Quando esse vento soprava sobre sua cabeça, o povo tremia, por que soprava sobre elle o genio das vinganças.

Consequente com a obra de desmoralização, derribou o altar christão e propagou não sei que monstruosidade a que chamou religião natural. Cedo obteve o que almejava : o rompimento dos vinculos que ligão o homem a Deus e ao lar. Foi esse crime a principal mole das tyrannias successivas. Francia perseguiu a religião na pessoa do veneravel sacerdote Maiz, a quem submergiu em seus famosos subterrapcos ; Lopez I humilhou a igreja na pessoa do bispo seu irmão, a quem arrebatou até o direito de fundar paróchias e nomear curas ; Lopez II cortou a obra, arrebassando o bispo Palacios.

Os subterranos de Francia deixam atrás de si todas as masmorras do Oriente por sua pouquenez, escuridão e humidade. Esses calabouços, a que elle ia sobre tarde, para ouvir os gemidos de suas victimas, estavam na parte baixa de sua habitação de estro, cujo aspecto tetrico, transumpto fiel de sua alma, produz ainda hoje uma impressão de frio e terror indefinivel.

Sem duvida por afinidades da familia, porque todos os tyrannos pertencem a mesma estirpe, Lopez II mandou construir cavernas semelhantes aquelles subterranos no palacio que estava edificado em Assumpção no principio da guerra.

Francia não se desocidou de destruir o ensino.

(1) Estrada : 8 Comuneros del Paraguay.

(2) Thompson : Guerra do Paraguay.

Daqui vem que o Paraguay não tem um litterato, um orador, um legista, um prosador, um poeta. Revela-se isto pela canção nacional paraguaya, pelos documentos officiaes e pelos escriptos da imprensa periodica.

Chegou a tal ponto o terror qua Francia exercia no Paraguay, que á hora de seu passeio diario (às seis da tarde) todos os moradores de Assumpção fechavam suas portas.

Tres dias depois de sua morte, não se atrevia o medico a annunciar a D. Companhia se o cadaver, diz um chronista de vida, a Francia serviu-se de si mesmo para noticiar ao povo que havia sahido do mundo. No dia do enterro, quando o cortejo fonebre percorria as ruas da capital, todos os moradores se occultaram, todas as portas se fecharam. Ainda temiam que o tyranno erguesse a cabeça.

(Continúa.)

S. ESTRADA.

NOTÍCIAS GERAES.

Guaycurú — Este vapor, proseguia sua viagem para a corte no dia 22 do corrente, conduzindo o inclito herói de Aquidaban, visconde de Pelotas, que tão inequivocas provas de apreço e consideração recebeu do povo desta cidade, durante o tempo que aqui se achou.

Frei-não — Realisou-se no domingo com toda a pompa e grande concurso de fideis a precissão de N. S. do Rosario, dando o batizão 18 de linha uma guarda de honra commandada pelo digno capitão Sebastião Macilato da Silveira.

Saudação — Na occasião do desembarque de S. Exa. o Sr. visconde de Pelotas foi distribuido o seguinte soneto saudando o bravo general:

De virentes louros enramada a frente
O preclaro Herói de Aquidaban assoma.
Qual out'ora foi o Vencedor em Roma
Nos triumphos seja da Brasileira gente!
Digno foste e és, ó General valente,
Das grãtas e vivas ovações!... quem doma
Esse monstro vão do Paraguay? quem toma
Os reductos ultimos da fora ingente?

Es tu, Bravo Herói! Es tu, Herói dos Bravos!
Es tu só quem fez o minotauro em nada!
A final cair p'ra sempre e seus escravos!

Da Victoria pois a frente sublimada
Recéba esta c'róa imarcessivel! cravos,
Rosas, flores mil, e saudação alçada!

Halle — Alguns admiradores do Exm. Sr. Visconde de Pelotas offercecerão lhe na noite do dia 21 do corrente um esplendido halle, que, seguindo consta-nos, correio muito animado.

O Jovem Henrique — Com este titulo encetamos hoje a publicação em folhetim de um romance francez, cuja versão devemos á um nosso amigo, moço assaz intelligente e amante das letras. A sua nimia modestia faz com que o seu nome não appareça em tão importante trabalho, autorindo-nos apenas a que revel ssemos duas de suas iniciaes, que são S. N.

Ao nossos benevolos leitores, e especialmente ás nossas amaveis leitoras, mais amantes deste genero de litteratura, recomendamos a leitura do nosso folhetim.

Batalha de Sedan — Forão feitos prisioneiros durante a batalha de Sedan 25.000 homens; 79.000 entrãrão na capitulação, e 4.000 officiaes, sendo 3.000 envidados para a Alemanha. Forão encontrados 14.000 feridos, 400 peças de campanha, 70 metralhadoras e 150 peças de fortaleza. Alem disso ficarão 10.000 cavallos nas mãos do inimigo.

A cor negra do rosto dos soldados mor-

tos nesta batalha attribue-se ao envenenamento das balas prussianas.

Mudança — Contamos que a secretaria da instrucção publica e a Bibliotheca publica vão transferir-se para o edificio proximal em que funcionou o extincto collegio dos Rm's Padros Jesuítas.

Príncipe — S. A. a Serenissima Princesa D. Leopoldina deu á luz no dia 16 do passado um Príncipe, que será baptizado com o nome de Luiz.

Perda — As folhas francezas elevão a 300.000 homens as perdas do exercito allemão desde o começo da guerra.

Esquadra allemã — A esquadra allemã com a bandeira da confederação do Norte preta, branca e vermelha, compõe-se de 3 fragatas e 1 corveta blindadas, duas náos couraçadas, 5 corvetas de ponte coberta, 5 corvetas de ponte rasa, 22 chalupas canho-neiras, 1 biate e 1 corveta de guarda, 2 avisos, 2 rebocadores e 1 transporte a vapor, tudo com a força de 9.682 cavallos e 345 peças. Tem tambem 36 chalupas canhoneiras a remos com 68 peças.

Emancipação do bello sexo — Iso haver preleções em um dos theatros da corte em favor da emancipação das mulheres. Varias damas de notavel intelligencia se propõem a advogar a causa, que ha de influir consideravelmente no equilibrio americano.

Medalha — Os portuguezes residentes em Porto-Alegre offerirão ao herói de Aquidaban, visconde de Pelotas, depois de uma lisonjeira manifestação, uma medalha commemorativa pelos seus feitos heroicos em Aquidaban. A medalha é de ouro com a seguinte inscripção: — *A colônia portugueza de Porto-Alegre ao invicto general Visconde de Pelotas* — tendo no verso *Aquidaban, 1.º de Março de 1870.*

A PEDIDO.

A. ILM. SRA. DONA I. S.

Vou contar-te uma historia, meu anjo,
Uma historia que a pouco passou-se;
Uma historia, que n'alma da jovem,
Como o ago no tman, gravou-se.

Era noite de abril, eu me lembro,
Sobre a sorte futura pensava,
Essa estrella que as aguas namora
Com ternura e amor contemplava...

Ouvi-voz... pra um anjo risonho.
Que p'ra tuas de amorno chamava,
Era um anjo que vinha... sua voz
Do letargo fatal me jarrancava.

Levantei-me... segui-o p'ra onde?
(Ho agora, meu anjo, não sei...)
Vi teu rosto nevado, e d'ahi
Só em ti, linda houri, eu pensei...

Eu não sei p'ra contá-lo (nó posso.)
O que então a minh'alma passou,
Eu só sei, linda virgem, que foste,
Quem d'amor este petrodindamou!

Rio de Janeiro, 5 de Outubro de 1870.

A.....

A' uma menina enfileirada.

Yayasinha, yayasinha
Não zombe com quem caminha
Socegado,

Vá p'ra dentro, vá coser
Que se arrisca a receber
Mão recado.

Tenha menos ousadia
Que se expõe a ser um dia
Derrotada—;
Tenha mais juízo e modos
Que assim pôde ser de todos
Má olhada.

K.

Charada.

Nas florestas brasileiras
A vereis toda garbosa— 2
Entre as lindas moreninhas
Amalinda, a mais formosa— 3

CONCEITO.

Se quereis vêr moças lindas
Sò tereis em profusão,
Que fazem vir agua á boca
E bater o coração.

A.G.

ANNUNCIOS.

JOSÉ Ramos da Silva vende os generos e mais pertences de sua casa de negocio á rua Sete de Setembro n. 2, esquina da do Principe; bem como aluga a mesma casa, a qual tem proporções para um grande negocio e comodidades para familia. Tem agoa dentro e um grande deposito.

Destierro 12 de Outubro de 1870.

GRANDE REDUCCÃO

NOS PREÇOS DO ASSUCAR REFINADO
Na fabrica de refinação da rua do Livramento n. 5 e deposito n. 10.

A VAREJO.

1.ª Classe superior arr. 8\$000 lib 280
2.ª » » » 6\$800 lib 220
3.ª » » » 6\$000 lib 200
3.ª » superior » 5\$600 lib 180
Mascavinho refinado lib 160
Destierro, 21 de Outubro de 1870.

Perdeu-se

no dia 15 do corrente um botão de punho de camisa, roga-se a pessoa que achou a bondade de mandar entregar nesta typographia que será gratificado se exigir.

UM homem, maior de 40 annos, deseja ir ao Rio Grande do Sul, como creado de qualquer pessoa; quem precisar dirija-se a esta typographia que se dará informações.

VENDE-SE

por commodo preço um bote á pouco construido de boa madeira, com 25 palmos de comprimento, acompanhado de seus pertences, para tratar á rua do Principe n. 85.

Typ. de J. A. do Livramento.